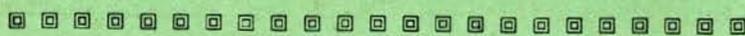




PORTUGAL

NA GUERRA



1917

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA
Director : AUGUSTO PINA

COLLABORAÇÃO
LITTERARIA

DE ESCRIPTORES PORTUGUEZES
:: E ESTRANGEIROS ::



ILLUSTRADA

*com documentos photographicos
do serviço especial junto do*

Corpo Expedicionario Portuguez em França

*e com a collaboração dos melhores
artistas portuguezes e estrangeiros*



REDACÇÃO :

3, Rue de Villejust — PARIS



Agente Geral em Portugal

VICTOR MELLO

Rua Ivens 56 — 2º

:: LISBOA ::



Numero avulso : 30 centavos

Prix du Numéro : 1 franc



Photo H. Manuel.

S. M. JORGE V

Rei da Inglaterra e da Irlanda.
Imperador das Indias.

PORTUGAL na GUERRA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

:: DIRECTOR : AUGUSTO PINA ::

Secretario de Redacção : JOSÉ de FREITAS BRAGANCA

:: Redacção : 3, Rue de Villejust - PARIS ::

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MAIS NOTAVEIS
ESCRITORES PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

Cartas das principaes capitaes do mundo

COLLABORAÇÃO ARTISTICA DOS MAIORES ARTISTAS PORTUGUEZES

SERVICO PHOTOGRAPHICO ESPECIAL JUNTO DAS TROPAS
PORTUGUEZAS EM FRANÇA A CARGO DE ARNALDO GARCEZ

CORRESPONDENTE PHOTOGRAPHICO EM PORTUGAL : ALBERTO LIMA



ASSIGNATURAS PORTUGAL

Um anno (24 numeros) 6 \$ 30
Seis mezes (12 —) 3 \$ 30
Trez mezes (6 —) 1 \$ 80
NUMERO AVULSO : 30 CENTAVOS

ABONNEMENTS FRANCE

Un an (24 numeros) 21 fr.
Six mois (12 —) 11 fr.
Trois mois (6 —) 6 fr.
PRIX DU NUMERO : 1 FRANC

Todos os pedidos d'assignatura para Portugal devem ser dirigidos á

AGENCIA GERAL EM PORTUGAL
VICTOR MELLO, Rua Ivens, 56 - 2° - LISBOA



AGENCIA PARA O BRASIL

Casa A. MOURA, 114, Rua da Quitanda :: RIO DE JANEIRO



PREÇO DA ASSIGNATURA

Un anno (24 numeros) 30 \$ 000 | Seis mezes (12 numeros). . . . 16 \$ 000

NUMERO AVULSO : 1 \$ 500





PORTUGAL

..... NA GUERRA

1917

Nº 2

15 de Junho de 1917

Anno 1º

Director : AUGUSTO PINA

SUA Magestade Jorge Frederico Ernesto Alberto, rei da Grã-Bretanha, da Irlanda, dos Dominios além dos Mares, e Imperador da Índia, filho segundo de Eduardo VII, mas unico sobrevivente à morte d'este monarcha, subiu ao throno em 6 de maio de 1910.

Coroado oficialmente em 21 de junho do mesmo anno, S. M. Jorge V tem continuado a obra de politica liberal e pacifica começada por seu pae. O seu governo, um dos primeiros a reconhecer a Republica Portugueza, confirmou a nossa secular alliança.

Estreitamente aparentado com quasi todos os soberanos da Europa, durante estes primeiros annos do seu reinado effectivou-se a aproximação anglo-russa e vincularam-se os laços da *Entente Cordiale*.

Com a Russia e com a França, S. M. Jorge V procurou contrarrestar o impeto bellico da Allemanha, cuja politica arrogante e cujos armamentos desmedidos ameaçavam cada vez mais a paz do mundo.

Durante o periodo de *démarches* diplomaticas que precedeu immediatamente a Grande Guerra, S. M. Jorge V esforçou-se, com todo o seu prestigio pessoal e politico junto dos soberanos e dos governantes germanicos, por resolver pacificamente o conflicto.

Masa Allemanha tinha decidido a guerra. Então a Inglaterra poz-se do lado da Belgica neutra invadida, com a França e a Russia. E os soldados britannicos que, ainda pouco numerosos, se cobriram de gloria na Batalha do Marne, multiplicaram-se muitas vezes, num esforço que ha-de contribuir immenso à Victoria final em que as tropas portuguezas terão tambem o seu quinhão.



Phot. Manuel.

S. M. JORGE V
Rei da Inglaterra e da Irlanda.
Imperador das Indias



DA TERRA LUZA

□ □ □

Apesar de ter succedido ao gabinete formado logo apoz a declaração de guerra um ministerio constituído exclusivamente de elementos d'um só partido, não ha duvida de que a « União sagrada » ou seja a formula, que em todos os paizes se escolheu para significar a communhão geral dos povos em presença da guerra, em que se envolveram, persiste inteiramente entre nós. Os que imaginam que ella se quebrou pelo facto d'um só partido estar hoje de posse do poder, attendem mais ao caracter politico da questão do que ao seu caracter nacional. Ora o essencial é isto. Não se concebe mesmo uma união sagrada que não seja uma união nacional, em casos da natureza do que, ha um anno já, subordina á essa magnitude toda a vida portugueza.

Nem se comprehenderia que, com o gabinete Antonio José de Almeida, simplesmente porque estavam representados no poder dois partidos da Republica, se supozesse uma realidade essa união sagrada, e com o gabinete Affonso Costa, simplesmente porque apenas um partido está n'elle representado, se considerasse uma ficção. Não ha só dois partidos na sociedade portugueza, não ha mesmo só dois partidos na Republica. E além dos partidos organizados ha correntes, expressões de opinião em Portugal, que se não podem desattender quando se pensa, não em traduzir apenas as idéas e os sentimentos da maioria do paiz, mas as idéas, os sentimentos da nação inteira. A união sagrada tem de ser a « União Nacional », e felizmente o é. Explicita ou implicita? Representando-se no poder, em toda a variedade dos matizes da opinião, oudando-lhe o concurso do seu apoio, na questão fundamental para o paiz, nas circunstancias que decorrem? São duas moralidades de concurso; mas no fundo é sempre a mesma communhão no pensamento dominante e essencial de defender e honrar a patria.

Ha uma « União sagrada » em Portugal com o gabinete partidario do Snr. Affonso Costa, como a havia com o gabinete, em que dois partidos tinham participação e a que o Snr. Antonio José de Almeida presidia. Essa união sagrada deriva do pensamento geral de que estamos em guerra, precisamos fazer a guerra e a devemos fazer até ao fim; participando da fortuna, boa ou má, dos nossos alliados. E' essa noção que realmente nos une a todos nós, portuguezes. E' ella, oriunda d'um patriotismo puro e sublimado, que faz com que marchem para a Africa e para a França os nossos camponeses, analphabeos, incultos, mas patriotas como os que mais o são, em qualquer paiz do mundo, ainda o dotado da civilização mais florescente e superior. Ha divergencias politicas? Ha, nos partidos, ou fóra d'elles, quem desejasse que Portugal nunca se visse envolvido n'esta tremenda refrega das nações? Ha mesmo quem, só por hostilidades de politica puramente interna, não consiga reprimir os seus resentimentos partidarios ou pessoases? Ainda assim, a união sagrada é tão forte, o vinculo nacional tão resistente, que nem esses mesmos se atrevem, se porventura esse pensamento intimamente lhes afflorou no cerebro, a preconisar que não façamos a guerra. Não! A guerra começou; ella ha-de acabar com honra para Portugal. Assim o comprehende o povo; assim têm de o comprehender e aceitar todos os portuguezes.

Posta a questão n'estes termos, que são os reaes, a situação para nós em nada differe da situação dos outros paizes alliados. Qualquer governo que se encontre no poder, seja qual fór a sua cõr partidaria, não pode e nem deve fazer senão uma politica nacional, e n'essas circunstancias, todo e qualquer governo será sempre um governo de união sagrada, porque será um governo que traduzirá e executará a aspiração nacional. No estrangeiro, o mesmo tem succedido. Os primeiros governos procuraram dar toda a significação politica a esse pensamento nacional, formando-se de elementos das mais desencontradas *nuances*.

Actualmente, já isso não é tão necessario. O impulso está dado. A communhão nacional é um facto, junto do qual as combinações politicas desempenham um papel verdadeiramente secundario.

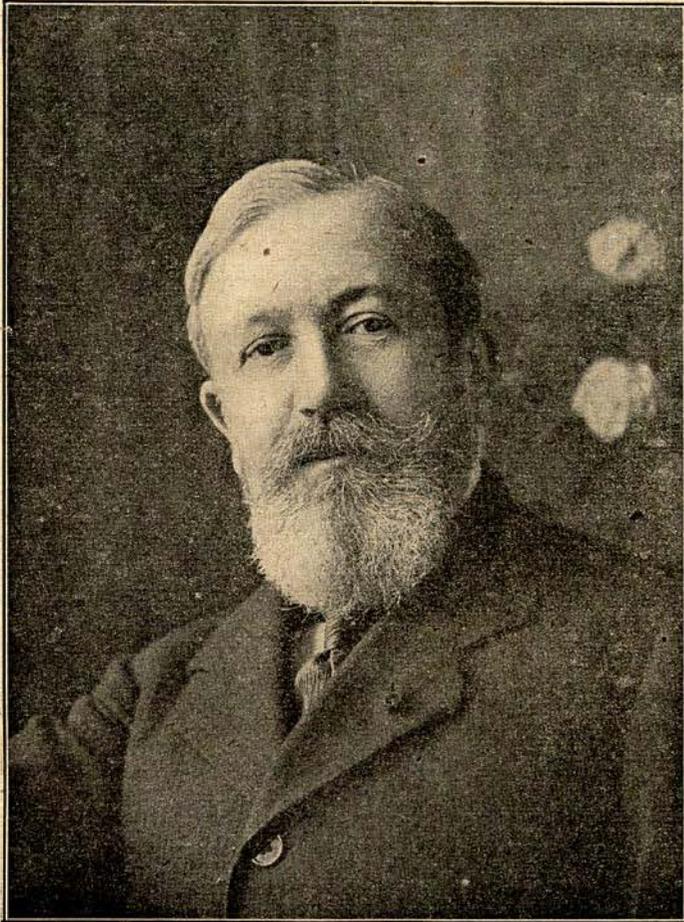
* * *

Um detalhe da nossa participação na guerra que não deve passar despercebido, antes convem salientar em toda a sua bella e importante significação, é o de cooperações que, por não serem tão preciosas como a do sangue a derramar em defeza da liberdade da Europa, da civilização latina, e da honra da Patria, não deixam de constituir nobres e comovedoras manifestações da alma portugueza. Essas cooperações são as que revertem um auxilio, um conforto, uma assistencia economica e moral aos nossos soldados: exprimen-se em dinheiro e em affecto, e tanto umas como as outras dizem solidariedade, significam patriotismo, definem admiração, reconhecimento, amor.

Com effeito, por diversas formas o povo portuguez tem patenteado que segue com o mais vivo interesse acompanha com toda a sua dedicação os nossos soldados que se vão bater, as suas familias que ficam entregues á dor de os saber expostos aos mais tremendos perigos. Um rio de dinheiro tem corrido da bolsa dos portuguezes, que em geral é pobre, e não rica. Não tem sido só a assistencia ás familias dos expedicionarios portuguezes, estabelecida pelo Estado, que, por ser d'um paiz pobre, pobre é tambem. Para esses nobres fins a Cruzada das Mulheres Portuguezas, a que preside a esposa do Snr. Presidente da Republica, tem reunido muitas dezenas de contos. A Cruz Vermelha mantem aberta uma subscrição que já passa de 200 contos de reis. Senhoras da melhor sociedade de Lisboa e Porto promoveram a venda da flôr nas duas grandes cidades, obtendo mais de 60 contos de reis. A colonia portugueza do Brazil concorre generosamente para o mesmo fim, creando instuições do mais elevado espirito patriotico. Eu sei que no estrangeiro o mesmo se tem feito, e em maior escala, mas ninguem ignora que Portugal é um paiz pobre, ninguem ignora que a guerra nos veio surprehender quando estavamos reorganizando as nossas finanças, quando iamõs tratar de desenvolver a nossa economia, quando não tinhamõs realmente um exercito, pelas deficiencias materiaes. A tudo se abalançou a Republica para corresponder aos deveres nacionaes. E não é só o Estado que se manifesta disposto á todos os sacrificios. E' a propria sociedade. Estes testemunhos de patriotismo accendrado, de communhão intima e fervorosa com a causa dos alliados, realçam de especial prestigio o esforço que fazemos, realmente colossal para a medida dos nossos recursos e para as circunstancias que atravessamos.

Outro aspecto interessante da solicitude com que é acompanhado em todas as classes o nosso concurso militar é o da instituição das madrinhas de guerra. Graciosa e tocante demonstração espiritual não só do espirito-patrio, como das noções humanas! O sentimento é uma força. Porque o é, se creou em França o patronato suave e doce das madrinhas de guerra. Não basta equipar, alimentar o soldado, animal-o com as visões do dever e as perspectivas da gloria. Não basta assegurar-lhe a existencia dos seus, para elle mais preciosa do que a vida. E' preciso ainda sustentar-lhe a alma. E' preciso derramar no seu coração um balsamo espiritual. Para muitos o saberem que um coração feminino, casto como um sonho de virgem, compadecido como o amor d'uma mãe, será fonte de energias e compensações que só os espiritos egoistas engeitam. Precisamente porque se trata d'uma questão de sentimento, eu creio que poucos soldados serão tão afagados por uma doce emoção longinqua como os soldados de Portugal...

OS AMIGOS DE PORTUGAL



Henri LAVEDAN

Photo H. Manuel.

60, RUE DES SAINTS-PERES

*Vive le soldat portugais qui
a voulu verser avec son sang,
sur les champs de bataille du
monde, les lucides des
Droit et de l'Indépendance!*

Henri Lavedan

* * *

A ultima quinzena do maio finda sobre as agitações de Lisboa a que deu causa a falta e a carestia das subsistências. São lamentáveis, sem duvida; mas, como estas, quantas se terão produzido em Berlim e em Vienna, ou, pelo menos, em outras cidades allemãs e austriacas! Nós estamos ainda no principio das epochas mais dolorosas. A guerra prolonga-se, e a guerra não é só a flôr das gerações arremessadas aos campos de batalha: a guerra é tambem a privação, a miséria, os sofrimentos de toda a hora, e as explosões d'uma cólera que não se sabe muitas vezes se se dirige contra os homens ou contra a destino.

Durante alguns dias faltou inteiramente o pão em Lisboa; as batatas, a que a população pobre recorreu, subiram exageradamente de preço. D'ahi os assaltos ás mercearias. Commetteram-se vandalismos; a força publica interveio, tornou-se necessario decretar o estado de sitio, que ainda vigora. Reconhecendo as necessidades da população, o governo declarou estar convencido de que elementos perturbadores aproveitavam a agitação popular para uma obra de anarchia senão de traição. Não me repugna acreditar-o. Entretanto, fizeram-se numerosas prisões, e a justica investiga. Nos julgamentos dos Tribunaes se fará a luz que a consciencia publica requer.

Seja como fôr, o que se torna indispensavel é garantir a alimentação do paiz. O actual governo garante que a esse problema dedica todas as suas atenções. Não ha duvida de que a guerra

submarina feita pelos allemães impõe, como recurso extremo, o aproveitamento do sólo nacional, da maneira que se possa prescindir tanto quanto possivel das importações. O mar, em certos pontos, está coalhada de destroços de navios mercantes destruidos pelos submarinos allemães. A propria Inglaterra trata de se abastecer a si mesma, não contando com os generos do estrangeiro nem com os productos dos seus vastissimos dominios. Portugal é um paiz que possui condições naturaes susceptiveis de serem aproveitadas para satisfazer as necessidades nacionaes. Pensa n'isso o governo portuguez. Se o fizer, terá jus ao reconhecimento do paiz inteiro. Será uma obra de magnitude não inferior á da participação militar na guerra. Na realidade, constituirá o seu complemento; será a sua garantia solida e decisiva.

No momento em que escrevo, a tranquillidade considera-se assegurada por completo. De resto, nem mesmo nas horas de maior paixão combativa se ouviu resoar nas ruas qualquer grito contra a participação na guerra ou de hostilidade á Republica. Se houve quem tentasse aproveitar as explosões do desespero popular para que ellas revertessem em gestos contra o que é o cumprimento do nosso dever internacional, ou contra as instituições democraticas que nos regem, deve ter reconhecido que nem mesmo em momentos da mais cega allucinação o povo portuguez perde o conceito da honra nem sacrifica o seu amor da liberdade.

MAYER GARÇÃO.

O PRIMEIRO MINISTRO DA GRÃ-BRETANHA

Um dos precursores da obra de redempção nacionalista de Lloyd George, o venerando Price Hughes, lamentava que a mó de Deus moesse tão vagarosa.

Na sua « divina impacien- cia » como elle proprio lhe chama, Lloyd George ousou offerer a sua ajuda para ver se assim accelerava o movi- mento da tal mó implacavel que tão bem moe. E desde que se deitou a essa tarefa de mo- leiro do Destino, Lloyd George conseguiu já algumas boas for- nadas do mais alvo alimento de que se nutre o homem — o pão do espirito, levedado com o fromento da liberdade.

A vida e o obra de Lloyd George teem um cunho exce- pcional de impetuosidade que os seus adversarios e até alguns amigos pretenderam desmere- cer taxando-a de irreflectida.

Mas não será essa aparente irreflecção o proprio da sua irresistivel acometida contra os velhos erros tão fartamente reflectidos e nunca resolvidos? Não será esse o maior valor do indomito impeto sublime e hu- mano com que se lança ao ataque das funestas formulas oppressoras, da rudeza com que denuncia e esmaga os grandes males, de olhos apenas fitos no remedio, sem attender a conveniencias politicas de par- tido, sem acceitar a tacita cum- plicidade em acções condena- veis?

A sua carreira publica patenteia um gigantesco esforço indivi- dual, enovador e fecundo.

Filho dum mestre escola numa afastada aldeia do paiz de Gallis, e orphão aos 4 annos, a sua pobre infancia passou-a ao lado dum tio materno, sapateiro e pastor de almas ultra puritano da seita dos não-conformistas. A dedicação deste tio deve Lloyd George em grande parte o que hoje é.

Ora na loja do sapateiro, ora no modestissimo templo dissi- dente, o futuro reformador social tomou da boca de seu tio os ensinamentos da moral christã, em toda a liberdade de exame e de consciencia. Serviam-lhe de exercicio intellectual as discussões em cummum dos textos biblicos e a eloquencia pittoresca e precisa do grande orador de hoje começou por ensaiar-se em exposições numa singela theologia em idioma gallez.

Sem sahir de casa do tio, estudava direito, ia á capital fazer exames, até que abriubanca de advogado. As causas que defendia eram invariavelmente as do pobre contra o rico, nos proces- sos que os senhores territoriaes moviam aos aldeãos por qual- quer peça de caça apanhada em suas terras ou algum peixe pes- cado contra os seus despoticos privilegios.

O seu sentimento de justiça cedo se insurgiu contra poderosos juizes iniquos, e assim ganhou causas retumbantes e com ellas grande fama — mas nunca dinheiro.

A causa da nacionalidade galleza e aquillo a que hoje lá se chama a « consciencia não-conformista » tiveram n'elle o mais acerrimo e o mais efficaz defensor. Eleito deputado por Carnavon, a sua conducta rebelde foi de tal modo alheia á acção partidaria que lhe chamaram o franco-atirador da Camara.

Alli combateu denodadamente, sósinho, a politica imperialista

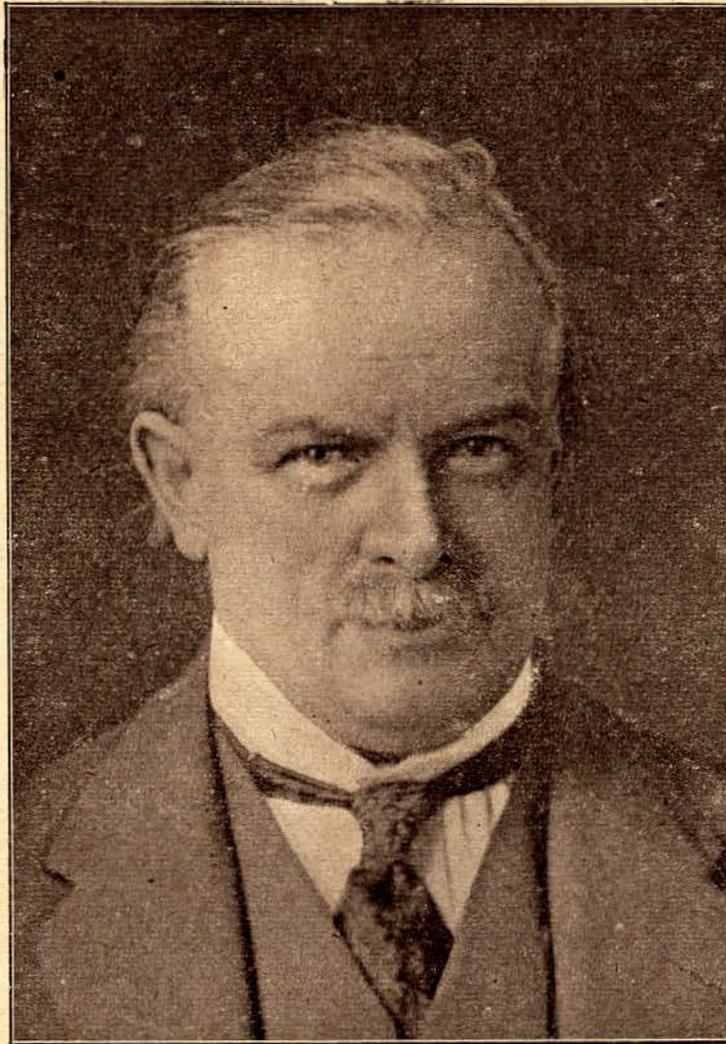


Photo H. Manuel

LLOYD GEORGE

de Chamberlain, até durante a guerra do Transvaal e no periodo de entusiasmo popu- lar que elle não hesitou affron- tar com grave perigo de vida.

« Irmãosinho dos pobres » lhe chamou o seu adversario Bonard Law, hoje seu collabo- rador, querendo assim definir a sua acção como legislador social a quem a Inglaterra deve a lei das reformas por velhice e a lei do seguro nacional contra a doença e a falta de emprego, a concepção do *Home- stead* como remedio ao pro- blema agrario e a *Income tax*, leis de protecção, aos fracos do mais elevado espirito demo- cratico e politico.

O que é verdadeiramente desconcertante em Lloyd George é o seu poder de con- vicção, a clareza, o brilho e o pittoresco das suas ideias, e mais do que tudo isso, a justeza das suas vistas, pois que tendo combatido, ora um ora outro todos os homens do seu paiz, sempre acaba por ganhar razão até dos mais ponderados ad- versarios.

Que o digam os seus colla- boradores de hoje no ministe- rio, que o tratavam de rebelde ha poucos annos; que o digam os banqueiros da *City* que a principio clamavam contra os seus orçamentos revolucionarios, apodando-os de « tenta- tivas grosseiras » e de « recur- sos e invenções anti-inglezas »

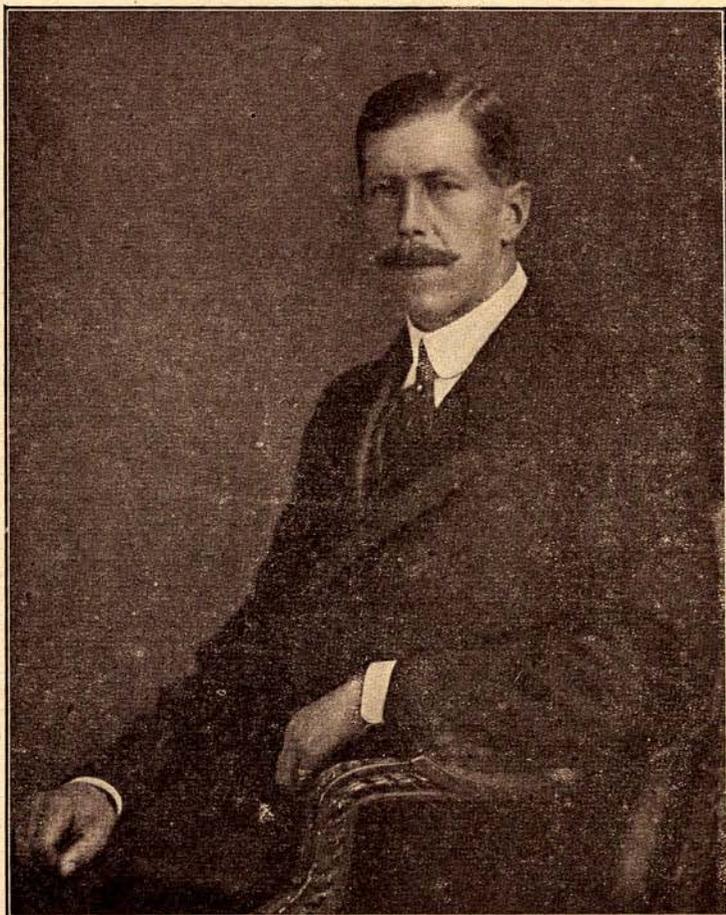
e que hoje fundam na sua pericia as melhores esperanças de salvação para as finanças inglezas.

D'esses orçamentos da sua primeira estada no ministerio das finanças, o que mais celeuma levantou foi o historico « orçamento do povo », com que obteve uma taxação nova de 14.200.000 libras, recaudadas de modo a não pesar nem sobre o trabalhador nem sobre as necessidades da vida. As novas taxas recabiam inteira- mente sobre os privilegiados (oito milhões sobre os capitalistas e seis milhões e meio sobre os proprietarios) e eram destinadas ao desenvolvimento das reformas sociaes ligadas ao seu nome : Bol- sas de trabalho, agencias de emprego para pôr em contacto empregados e patrões, soccoro aos sem trabalho, seguro nacional contra a doença e reformas por velhice.

Cabe ainda a Lloyd George a honra de haver precipitado e decidido a grande lucta constitucional que terminou por afirmar definitivamente a supremacia da Camara dos Communs em todas as questões legislativas, retirando á Camara dos Lords o seu direito de veto.

A sua obra colossal como reformador social que começa ape- nas a ser posta em execução é de tamanho alcance e será tão fecunda que só as gerações vindouras poderão apreciá-la devi- damente.

Quanto á sua acção como representante da Inglaterra na proxima conferencia da Paz de que ha de sahir a nova sociedade das nações, muito ha a esperar, porque os ideaes e as aspirações de Lloyd George são os unicos que podem fazer evolucionar a ordem internacional de amanhã.



Hon. LANCELOT D. CARNEGIE

S. Ex^{cia}. o Ministro Plenipotenciario

de S. M. Britannica em Lisboa

□ □

Filho segundo do nono conde de Southesk, o actual ministro da Inglaterra em Lisboa, sir Lancelot Douglas Carnegie realizou já uma bella e longa carreira.

Educado nos celebres collegios de Eton e Christ Church, sir Carnegie tomou grau na Universidade de Oxford onde preparou os estudos especiaes para a carreira a que se destinava.

Occupou o seu primeiro posto na Embaixada de Madrid, em 1887, e percorreu successivamente as cortes de Petrogrado, Berlin, Munich, Pekim e Vienna de Austria, onde foi nomeado conselheiro de Embaixada.

Mais tarde, em 1908, era enviado para Paris, no desempenho de igual cargo e em 1911 com a categoria de ministro plenipotenciario, assistiu como principal delegado á Conferencia Internacional Sanitaria.

Em 1913 foi tambem ministro plenipotenciario como delegado Britannico da Commissão Internacional para o regulamento dos problemas financeiros resultantes da Guerra Balkanica.

Finalmente, em 9 de novembro do mesmo anno, um decreto de Sua Magestade Britannica nomeou-o Ministro Plenipotenciario Enviado Extraordinario em Lisboa, onde desde então sir L. Douglas Carnegie se conserva, rodeado da mais alta estima e apreço em que o tem a melhor sociedade da nossa capital.

Sir Lancelot Douglas Carnegie foi condecorado por S. M. Jorge V, com o grau de « Knight Commander » da ordem de S. Ricardo e S. Jorge em 1 de janeiro de 1916.

□ □ □ □

S. Ex^{cia}. o Ministro Plenipotenciario da Republica Portugueza em Londres

□ □

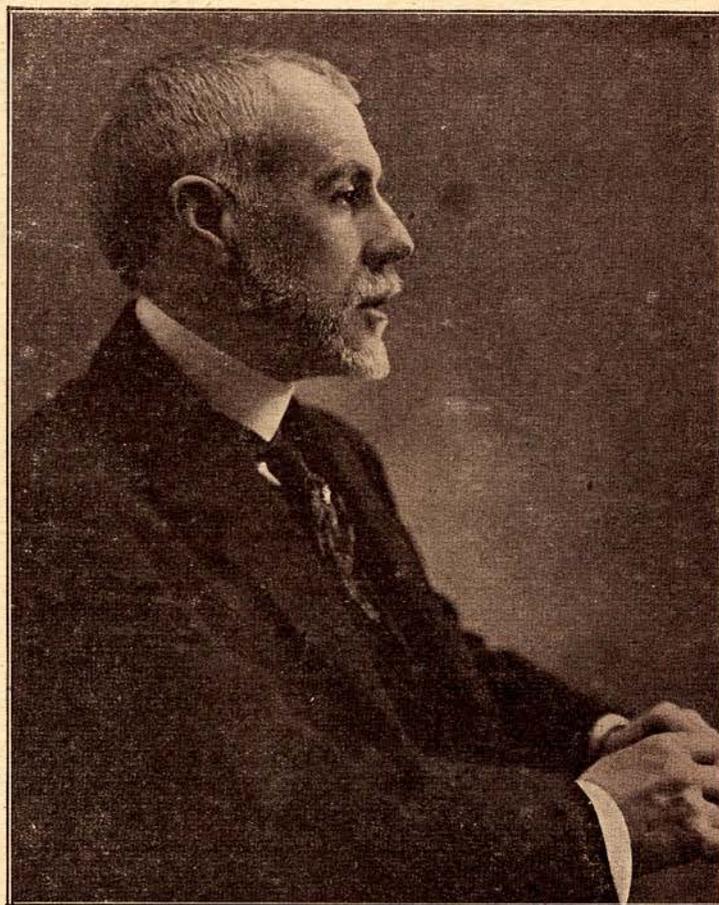
Proclamada a Republica em Portugal, quiz o Governo Provisorio escolher para seus representantes juntos das grandes capitae europeas não os velhos diplomatas de carreira, educados na apagada politica internacional da monarchia, mas os mais novos e elegantes espiritos das ultimas gerações intellectuaes, os mais ardentes patriotas capazes de imprimirem novo brilho ao nosso papel no concerto do mundo civilisado.

Para ministro plenipotenciario em Londres foi nomeado o sr. Teixeira Gomes, perigrino artista da palavra, cultissimo amator de todas as bellezas estheticas que conquistara nas lettras portuguezas um logar de distincção entre os mais distinctos.

Vinte annos de viagens pelo mundo e sobretudo pelos centros da civilisação greco-latina deram-lhe, a par duma profunda illustração artistica, um grande conhecimento da alma dos diferentes povos que mais veio radicar na sua varonil alma de celta apaixonado o amor á sua patria.

A sua originalissima obra litteraria, rica em sensações fortes e delicadas, labor primoroso dum verdadeiro aristocrata das lettras, o seu trato finissimo e um alto criterio, quasi ignorados do grande publico mas sobejamente apreciados por quantos o conheciam inculcaram-no como o melhor embaixador da joven republica idealista Portugueza junto da sua velha alliada a Grã-Bretanha.

Durante o periodo espinhoso da consolidação do actual regimen e no periodo mais grave ainda que se lhe seguiu — o da actual conflagração das nações, — tem o ecletico autor do *Inventario de Junho*, da *Sabina Freire* e do *Agosto Azul* desempenhado as funcções d'esse delicadissimo posto com a maior distincção e dignidade para Portugal.



M. TEIXEIRA GOMES



NAG' é preciso ser-se muito velho para se ter conhecido Paris num tempo em que, quando a gente resolvia lá ir, fechava as malas e se mettia na tipóia que nos levava à estação de Santa Apolonia, sentia ir-nos na alma o mais alvoroçado dos jubilos.

Havia de haver n'isso muito do que a mocidade empresta sem usura á alegria de viver, muito da illusão que cada qual de nós soube sempre crear ao redor do seu desejo mais activo e mais vehemente. Mas certo era que, ao cabo da viagem, a que muitas vezes não faltavam os riscos e a aventura, quando Fuentes d'Oñoro era ainda o sertão (faço-lhe o favôr de suppôr que já o não seja) iam encontrar não o fim de um d'esses sonhos a

que os inglêses, e principalmente as inglêsas chamam *good dreams* intercotados de amáveis sobresaltos, mas a muito desejada pro- longação d'elle.

Paris era-nos, com effeito, um sonho; e só á volta, ao fazer da agulha para Irun, quando tornavamos a abrir os olhos e víamos deante de nós a patrulha dos carabineiros hespanhoes, que uma vez na vida chegavam cêdo, é que nos parecia accordar de novo para a realidade.

Seriam os nossos vinte annos, o bom estado de todos os nossos orgãos, a vida em cheio pulsando isochrona por todas as nossas arterias desentupidas e flexiveis, todos os privilegios da idade florida e bella dando-se as mãos e dançando-nos na alma a dança de roda da alegria e do descuido?

Mas a quantos de nós não aconteceu voltar a Paris vinte annos depois e sentir-se retomado pela mesma ancia de viver o que a vida comporta de mais humanamente nobre, e que não é outra coisa senão a ambição de esclarecer o entendimento, adquirir o poder de dar fórma á idéa, activar a razão, estimular o entusiasmo, aperfeiçoar em summa tudo quanto em nós é regalia de ser pensante e desaccôrdo com o bruto?

O pensamento moderno, feito de quanto transmigrou e perdeu da alma de Athenas e de Roma, precisou de uma séde onde engrandecesse, sob fórmas novas da arte e novos designios da civilização, a herança dos seculos formidaveis; e escolheu Paris. Paris ficou o logar sagrado de todas as peregrinações da intelligencia, outra Meca para onde se voltam quantos, de toda a parte da terra onde esteja acêsa a lampada de uma fé tão tenaz como a fé do musulmano na promessa do seu Mahomet, crêm na immortalidade do Direito e da Belleza.

Dado que o direito é a medida do justo, Paris deu-nos sempre, em syntheses perfeitas, a expressão de todos os direitos, desde os Direitos do Homem até ao direito de se ter, por tres francos e cinquenta, sobre uma meza bem posta á beira do boulevard, um almoço com *hors-d'œuvre*, dois pratos, e a *demi-*

Médoc. Da belleza, que é na melhor definição a harmonia das proporções, Paris teve sempre não direi o condão, porque condão significa poder sobrenatural, mas o instincto portentoso, o instincto singular.

Fôsse qual fôsse o nosso planeta, rolassemos a existencia por que hemisferio a rolassemos, achassemo-nos no gráu de longitude em que nos achassemos, suassemos ou tirassemos numa ou noutra das zonas, estivessemos onde estivessemos, tão longe quanto possível, no Caucaso, no Taiti, na Travessa do Conselheiro Adriano Cavalleiro ou no Polo, era para Paris que se voltava sempre a mais inquieta das nossas aspirações, o nosso aneio mais turbulento e irreprimivel.

Ao romper da formosa madrugada em que cada qual de nós accordou um dia para a plenitude de todos os sentidos, o gallo que nos cantava era já o *Chantecler*. A collina, que as reluzentes pennas do seu rabo empenachavam como um garboso remate de troféo, e onde a sua crista intumescida era como uma gotta de sangue em que se houvesse cristalizado um grito de girondino, chamava-se já Montmartre. E pela vida fóra, dos bancos das escolas ás applicações do saber, das concepções do ideal ás certêsas da realisação, dos impulsos do coração ás ponderações do cerebro, era o sopro de Paris que agitava, revolvía a multidão de idéas, de factos, de principios, de soluções, de opiniões, de conceitos que nos illuminavam a mentalidade, nos desbravavam o sentimento, nos apuravam o gosto, nos revelavam a nossa propria força e nos tornavam aptos a servirmo-nos d'ella.

Nas suas brochuras de capa amarella, agradavelmente cheirando a papel novo e tinta fresca, que dia a dia nos levavam toda a litteratura da França, como um muito abundante e inexgotavel filão de inventiva, de paixão, de vivacidade, de sensibilidade, de fantasia e graça, aprendemos a amar a pontualidade da reflexão, a substancia da frase, a justeza das resonancias, os innumeraveis contornos da linguagem, tudo o que nella é destreza da imaginação, clareza e acuidade da critica, talento das modalidades.

As noções, as fórmulas, os methodos, todas as acquisições da verdade obtidas e apromptadas nesse immenso laboratorio de investigação que é a França, servidas ao Universo em luminosas summulas, e que Paris nos transmittia sob a fórma commoda de tomos que se mettem numa algibeira, foram fundamento e desdobramento de todo o nosso cabedal scientifico.

O que de Paris nos não viesse nos livros, vinha-nos em caixotes. Paris fornecia-nos o cerebro de idéas e recheava-nos a existencia de tudo quanto ella pede de agradável e palpavel recheio. As caricias da sua plastica, as revelações da sua esthetica, as inflexões do seu *savoir-faire*, penetravam-nos como uma continua e suave infiltração, dispunha-nos o gosto para a facil e presta adaptação a quanto fôsse bom e bonito.

Quizemos a nossa arte educada nas escolas de Paris, a nossa casa decorada e mobilada pelos seus estilos, a nossa mulher vestida pelas suas modas; e como nos não era possível respirar no Chiado o ar dos seus boulevards, a Paris corriamos sempre que

algun feliz saldo de contas, decimo premiado, ou emprestimo, puzesse á nossa disposição uma duzia de notas de cincoenta mil reis.

O bem que Paris nos sabia minava-nos como um mal dos que a pathologia sonda. Era um poder de seducção que nos bulia a um mesmo tempo com o encefalo, com os principios, com os peculios e com os arcos das vertebraes. Só o pensar a gente em poder ir a Paris era já o dôce estremecimento que nos precede no sistema nervoso todo aquelle estado de grata expectativa que melhor se define por ante-gôso; a certeza de lá ir era o estremecção. Chegar, subir para um fiacre, misturarmos na multidão, integrarmo-nos como molecula no cahos do boulevard e cumprir o seu curso, era o pleno consolo, o contento total e indômito.

Esta vaga supposição, que cada qual de nós, ainda o mais humilde, alimenta no mais escondido do seu ser, de que á vida da humanidade se torna precisa a quota do nosso próprio sentimento para que ella possa vibrar inteira nos seus grandes lances e nas suas grandes commoções, avolumava-se, adquiria consistencia, sabia para fóra da duvida, e revertia-se-nos em estimulo de novos e ousados brios. O genio de Paris esmoitava, amaciava e fecundava tudo o que nas nossas mentes era ainda baldio sáfaro e coisa montezinha.

Aquelle nosso semelhante que, extraviado da floresta, e entrado pela gare do Midi, mais parecia escapulado do Jardim das Plantas, se desde logo encaminhava seus passos ao Bosque de Bolonha e depois descia, embevecidamente, a Avenida dos Campos Eliseos, já ao entrar na Rua de Rivoli tendia a inquirir do que fôsse, no trato das sociedades, a influencia de um côrte de sobrecasaca e do vinco de uma calça.

Da Belle Jardinière ao Boulevard Saint-Germain, do Moulin Rouge á Sorbonne, elle ia depois recebendo, por gradações mais sensíveis, a insinuação de um tão effiz desbaste nas rebarbas que cêdo se lhe afigurava possuir já da elegancia, do amôr, da erudição, do *savoir-vivre*, todos os preceitos, todas as experiencias, todas as luzes, todos os artificios. Paris empolgava-o, amoldava-o como a um barro ductil: e se não chegava a fazer d'elle o parisiense de Paris, naturalisava-o parisiense da *banlieue*, o que já não era pequeno favôr.

Se alguma vez acontecia que o bom provinciano assolapado ainda dentro d'elle, o forasteiro nostalgico, recalcitrasse, discordando d'esta despersonalisação, teimando em *revenir au galop* e pretendendo ficar o que fóra até ahi, troglodita e casmurro, elle, parisiense de fresca data, entendido com Marguerite, preparavalle o artil, attrahia-o para a banda das Fortificações, e ahi, pela calada e na tréva, como um apache de Gaumont, precipitava-se sobre o cavername, assassinava-o de um modo peremptorio.

Então vivia, impune e sem remorso, a vida vasta e aprazível da cidade — da cidade que era Paris, prodiga de todos os gôsos, todas as facilidades, todas as vantagens, as espirituaes como as temporaes, ao alcance de todas as bolsas, todos os estomagos, todas as intelligencias.

Dir-se-ia que por amôr d'elle, intencional e exclusivamente para elle, essa madrugadora e acelerada população de dois milhões de seres conscientes e activos fervilhava, laborava desde o romper d'alva, convergindo de leguas em redor, emergindo dos *bas-fonds*, despejando-se das gares dos caminhos de ferro de cintura, arremessando-se em jorros, cachos, avalanches, a imprimir o impulso, pôr em acção todos os portentosos orgãos de transformação da materia, todos os superiores mecanismos do pensamento, todas as requintadas perfeições da indagação. E assim, a essa simples creatura, ignorada e mortal, estranhamente favorecida e venturosa, era dada a sensação ineffavel de se crêr o fulcro sobre o qual girasse, pressurosamente, sem interrupções nem solavancos, a roda-viva da Civilisação, nunca perra e esplendida!

Dir-se-ia que no zêlo permanente das prerogativas que a elle cabiam como cidadão e esteio de sociedade, Paris, tendo feito umas poucas de retumbantes e proficuas revoluções, alimentava sempre, como um proposito incubado e attento, o germen de uma nova revolução, prompta a rebentar mal que o systema vigente indicasse attenuação na rigidez das garantias e das seguranças. E esta certeza de se sentir escoltado pela Guarda Republicana e ao mesmo tempo poder contar com os *Camelots du Roi*, dava-lhe esse ineffavel bem-estar e repouso que em politica se chama opportunismo.

Finalmente, e por que o homem não vive só da mechanica applicada, dos afans especulativos e das garantias individuaes, elle queria divertir-se: e então Paris nisso como em tudo mais, possivelmente mesmo mais nisso do que em tudo o mais, lhe offerecia solidariedade e exuberancia. Já não falo da *Tournée des Grands-Ducs*, nem dos bailes do Eliseo, nem dos desvarios de *Chez Maxim*, nem dos sermões na Magdalena; mas sentidamente recordo como e quanto nos era facil e cabal, nesse affavel Paris de então, o exercicio das innumeraveis e insondaveis tendencias do nosso apetite, a satisfação das propensões do nosso fraco, na

infinidade e complexidade das variantes, quer procurassemos aquillo que nos dêsse prazer no amago da cidade, quer tivessemos de lhe ir no encalço, calcurriando leguas, através das brenhas da *Rive Gauche*. Só esse prazer de caminhar sem pressa ao longo das ruas sem fim, sob a luz macia das tardes, a deslizar num chão que abafava o ruido dos passos, a tornar maior o misterio do destino que levássemos! Só esse prazer de envelhecer a marchar, e continuar a marchar depois de velho!

Mas um dia, sobre este Paris que parecia ter recebido dos deuses risonhos a missão de fecundar e alimentar todas as venturas da paz, para incessantemente as diffundir em esplendores sempre renovados, atroou os ares, dominou todos os barulhos joviaes da cidade um clangôr guerreiro. Paris, chamado ás armas, apetrechou-se e partiu. Quem hoje o busque no logar d'essa querida terra de França onde lhe palpitava o coração, lhe estremeciam os nervos, já lá o não encontra. Paris bate-se. O seu logar, agora, é onde a batalha mais se acende, e á frente d'ella, para o maior arranco e mais glorioso desfecho da victoria.

A torrente do Boulevard, como se lhe houvessem aberto todas as comportas, desviou-se, escoou-se. Ao seu mal-contido e retumbante marulhar, que levantava espuma e ensurdecia, succedeu a calma e desolação dos leitos de grossas aguas que um dia se sumiram. De quanto era animação chammejante e fulgôr, espectáculo de apparato e brouhaha, faina alacre, estado d'alma festivo nem mais um rumôr, nem um lampejo. No macadam polido pelo vae-vem e cruzar de uma multidão que parecia ser a mais feliz do mundo, batem, cavos, como compassos de uma compungente toada, as mulêtas dos estropiados da guerra; e este como que é, na hora de inclemencia que a grande cidade vive, o unico ruido a cortar o seu silencio estoico.

De Paris, no seu mesmo logar, só resta a Parisiense, mas uma outra Parisiense que não aquella que nos habituamos a olhar e amar como a mais completa flor do parisiense, no que a este são expressivo e resplandecente vocabulo andava associado dos predicados de Eva e das blandicias da serpente, das nostalgias do Paraiso e das insaciabilidades do Boulevard, das mais imponderaveis subtilêsas do espirito e das mais amavelmente palpaveis prerogativas da materia. Aquella Parisiense que nós irreflectidamente tinhamos como a um ser áparte nas multidões do seu sexo, estabelecendo em volta d'ella um cerco de muito errados e estouvados conceitos, porque nem admittiamos que o seu sentimento fôsse o sentimento das outras mulheres, nem eguaes aos das outras os seus impulsos, apparece-nos neste grande momento de verdade insofismavel comezinhamente humana, desataviada de tudo aquillo que nella suppunhamos futilidade e artificio, mulher, afinal, como nós queremos a mulher quando ella é nossa, como a queremos para mãe dos nossos filhos, para objecto exclusivo do nosso amôr, para musa dos nossos himnos de energia.

Mimi, que não sabe por onde andam perdidos os seus amôres do Bairro Latino, commovidamente responde, em trinta cartas por dia, ás supplicas dos *poilus* que ainda não têm uma madrinha. Desirée Delobelle, a entrevadinha, na sua agua-furtada, vê romper o dia e esmorecer a luz do triste candieiro, a pospontar fardêtas. Madame *Fraicheur* quem tal havia de dizer! — toucada de enfermeira, com o seu grande avental branco sobre o vestido sombrio e escorrido, como uma veste de regeneração, sobre um passado de desatino, espregia nas ambulancias os feridos de maior perigo, para lhes ficar á cabeceira, desvelada e attenta. Margarida Gautier desprende Armando da cadeia dos seus braços, e a sua ultima palavra, com a sua derradeira golfada de sangue, é a dizer-lhe que parta elle tambem. Até a *Parisiense* de Becque, agora que tem o marido na Macedonia com a patente de coronel, lhe guarda fidelidade, e toda ella é compunção e esperança na bondade de Deus, a quem anda pedindo, por templos onde nunca d'antes entrara, que lh'o devolva vivo, escorreito, e coberto de gloria!

Mas ha ainda uma outra Parisiense de quem os livros não falam, nem os theatros põem em scena, outra Parisiense heroína de um romance que está por escrever e que será o grande romance da França quando, vindo o dia da paz, regressado o lar francês á quietude e ao consolo, as mães que sobrevivam á angustia de hoje contem aos filhos que lhes restem o que foi a morte dos paes e dos irmãos, como elles defenderam a sagrada terra de tão nobre patria. Os pequenos francêses, embevecidos na historia de tanta bravura e de tanta honra hão-de talvez perguntar-lhes o que faziam ellas emquanto os seus queridos soldados se batiam e morriam: « O que faziamos? dirá então essa outra Parisiense; faziamos cartuchos, faziamos balas, e incessantemente as mandavamos, coin os nossos beijos, para onde teu pae, e teus irmãos, e os outros, precisassem d'ellas. Pois então? Assim ajudámos a salvar a França, e a tornámos maior, mais admirada e mais bella! »

Dos seus claros olhos rolará uma lagrima; e até nessa lagrima, de orgulho calmo e saudade, ella saberá pôr o encanto supremo da sua *coquetterie*.

ALFREDO DE MESQUITA.

UMA RESSUREIÇÃO



A infantaria nas manobras de Tancos.
L'infanterie aux manœuvres de Tancos.



A infantaria portugueza a caminho das trincheiras.
L'infanterie portugaise allant vers les tranchées.

Poucos mezes depois da Allemanha nos ter notificado a declaração de guerra, reunem-se em Tancos os primeiros elementos do Exército Portuguez que ressurge subitamente depois de tantos annos e se prepara desde logo a ir combater os allemães no seu proprio territorio, ou antes no territorio das nações alliadas por elles invadido.

O campo de manobras enche-se de soldados vindos dos quatro cantos da nação, os quaes, na melhor disposição moral, se adextram nas armas e familiarisam depressa com os processos de lucta instituidos pela presente guerra.

As nossas gravuras

UNE RÉSURRECTION



A artilharia durante as manobras de Tancos.
L'artillerie pendant les manœuvres de Tancos.

mostram, no alto da página, uma formação de infantaria e outra de artilharia de campanha desfilando durante essas manobras pelas estradas orladas de pinheiros da nossa Estremadura.

Em baixo, alguns meses depois, vêem-se de novo os nossos soldados, não já exercitando-se entre frescos pinhaes e seguidos pelos olhares das moças portuguesas, mas n'essas terras da França devastada, enluctada e coberta de gloria, por cujos caminhos elles marcham a seus postos de combate, firmes e decididos, ao som da artilharia que atroa os ares e lhes faz estremecer o chão debaixo dos pés.

□ □



Artilharia portuguesa pelas estradas de França.
Artillerie portugaise sur les routes de France.

DIARIO DE CAMPANHA

Do Capitão X...

UM ALMOÇO NO « FRONT »

São onze horas da manhã. Vamos lá almoçar. Deixa-me só passar as mãos por agua dentro d'esta lata de bolachas e esfregalas com um pouco de pedra pómes, visto que esta noite dois ratos se engalfinharam por causa do meu sabonete acabando por leval-o.

Cautella! Curva a cabeça. A porta é muito baixa. Deixa-me despedir-me com um olhar do meu oratorio — tres retratos: o de minha mãe, o de minha mulher e o de minha filha — que está sempre florido mesmo n'estas regiões *insalubres* como lhes chama o capitão inglez addido ao nosso batalhão. Tomamos esta trincheira á direita.

Esta sinêta? E' o signal dos gases asphyxiantes.

Oh! Co'a breca! Lá me esquecia a maldita mascara. Assim que posso pendurar esse horroroso apetrecho é um tal alivio!

Sempre em frente, sim. Aqui o *em frente* nunca dura mais de cinco metros. Para variar saltemos fóra e tomemos este *covered way* encoberto pela folhagem, onde cantam os passarinhos.

Não. Esto assobio não é de um melro. E' o silvo d'uma granada. Atravessamos a ponte. Vês aquelle monte de ruínas? E' o *mess* do estado maior do batalhão. Subamos estes quatro degraus. Casa singular esta em que se entra pelas janellas! Agacha-te. Ha outros quatro degraus a descer. Introduz-te entre essas duas columnas que suportam o templo e que fazem um tão extravagante centro de meza. Senta-te ahi.

Como vês, a meza está posta com certa elegancia: tem toalha, lilazes em profusão — são a flôr do tempo e da região — e essas atas vazias de *Corned beef* logo á noite, guarnecidas de vélas, serão esplendidos candelabros. Antes de te lembrares de que em Lisboa porias um guardanapo, repara no local. Herdamos-lo dos inglezes. Um artista, que talvez esteja morto a estas horas, recortou de illustrações comicas, as figuras precisas para pôr sobre aquelle armario um friso de humorismo.

O fogão está desmantelado. Em vez do espelho que sobre elle assentava, está um *Trench-map* um mapa de nosso poiso, explicar-te-hia eu se não fallasses o inglez.

E agora levanta os olhos. Vês lá em cima, onde as duas vigas de suporte encontram o tecto? Dois ninhos de andorinha. Ellas ahi veem. Entraram pela portajanela, e uma traz uma palhinha no bico. Muito negras com o peito muito alvo...

A convivencia exterior com os inglezes habituou-as a não vir ás refeições senão de casaca e collete branco. Estas avisitas, vindo acoitar o seu amor e fazer o seu lar n'estas ruínas de uma casa desfeita por obuses n'uma das mais sangrentas batalhas de ha dois annos, entrando e sahindo por uma janella que frouxamente allumia homens que aqui estão para derramar sangue, para dar ou receber a morte, são, como os lilazes da meza, um tão curioso contraste, não é verdade? Sem duvida o mesmo artista que recortou as silhuetas de friso pregou com dois alfinetes, n'uma das vigas, o retrato de Carlyle, o poeta dos heroes.

Mas attenção! Os impedidos chegam com o primeiro prato. Desculpa, meu caro, o menu; mas, *c'est la guerre*. Começaremos por umas sardinhas de lata, que mandamos frigrir. E as batatas fritas, veem ou não?

Oh! Desculpa! Não te apresentei ao teu visinho da direita. E o capitão interprete do batalhão, o subdito de Jorge V mais alegre

que tenho visto. Ha tres annos quasi, quando rebentou a guerra, elle e mais quarenta rapazes do seu club de *foot-ball* alistaram-se no mesmo dia. De quarenta restam quatro n'este maio florido de 1917. Foi soldado para Galipoli e hoje é capitão ao nosso lado. Falla o portuguez por ter vivido dois annos em Liboa e, quando digo que falla o portuguez, exagero, porque o malvado falla o calão alfacinha. E' preciso ouvil-o dizer, com os seus olhos azues muito alegres, os seus trinta e dois dentes ao léo, que a guerra é uma *lechalice*.

Vaes vêr que companheirão! Ora, já estão a conversar e tu já ris como um perdido. Agora veem umas talhadas de presunto ladeadas de ovos estrellados. Se entornas algum, desgraças-nos. Veem de nove kilometros e custam cincoenta centimos cada. Um copo de cerveja? Repetes o presunto? Vê lá, pelo menos não repitas o ovo? Um pouco de doce? Limão e melão? Ananaz? Preferes uma chavena de chá com leite de lata? Seja.

E agora acende um *Flag*, um *Volunteer*, ou pesca na cigarreira d'aquelle alferes, que gasta toda a sua subvenção em extravagancias, um *Abdulla* das cantinas inglezas.

Emquanto tu cavaqueias com os visinhos, eu miro as nossas andorinhas. Uma no seu vôo incerto, á procura da janella, quasi roçou por um dos ramos de lilaz e eu fiquei a pensar que, tendo a probesinha feito o seu ninho por cima d'uma das ventarolas contra os gases asphyxiantes, basta que haja um alarme sério para que essa infernal, asquerosa, estúpida invenção de uma *kultur*, que pretendia açambarcar o espirito de mundo inteiro, destrua esta linda cousa que se chama um ninho. O que é o melro de pecegueiro, victima de um padre cura de aldela, comparado com este passarito ameaçado por toda a sciencia de um povo?

Tu continuas rindo com o *baraquoin* do nosso capitão-interprete?

Mal dirás tu que esse maráu, respirando vida e saude por todas as bochêchas da sua cara escanhoadissima, depois de ter todo o dia trabalhado como um mouro na ardua tarefa de nos auxiliar, a provêr de ordens, de rações e de agua um batalhão em pé de guerra, todas as noites, quando chega ao seu abrigo e antes de vestir o seu *pyjama*, ajoelha devotamente sobre um sacco de linhagem, dos muitos milhares de saccos que n'este territorio florescem á flôr do parapeito, e reza, não por elle que não pensa na morte, mas *pelô Inglaterrô* e por seu Irmão *pequinino*.

Está terminado o almoço. Has-de concordar que a mil e setecentas jardas da linha de frente, sôb uma abobaða de obuzes vindos de lá e idos de cá, quasi á beira d'essa « terra de ninguém » — *no man's land* — como pitorescamente chamam os nossos alliados á estreita faixa de terreno comprehendida entre o nosso *front* e o dos *boches*, não se podia almoçar melhor. Conseguimos isto, como tudo mais que te não devo contar, porque viemos instalar-nos n'um organismo já montado por gente pratica e methodica. Agora sigamos em frente, andemos trinta metros. Estás admirado da taboleta: *Winchester Street*? Julgas-te em Londres. Não, meu caro, é uma simples trincheira de comunicação. Para baixo não podes seguir.

Sabes como se chama esta sentinella que alli esta de capacete de ferro e bayoneta armada? Chama-se a CENSURA. Para alli, para aquelles lados, não passam os paisanos. Separemo-nos, pois, que eu tenho de ir á minha inspecção diaria.

Capitão X...

“ PRO PATRIA ”

A colonia portugueza no Brasil, compenetrada da hora tragica que a humanidade atravessa e do papel que a Portugal incumbe n'esta titanica lueta de esforços supremos, mostrou da maneira mais bella, mais elevada e mais nobre o seu affecto á Patria Mãe distante, que o Oceano separa mas que os sentimentos, a dor e o lucto, a alegria e o amor, trazem sempre presente.

Os portuguezes do Brasil decidiram tomar á sua guarda os orphãos dos bravos que cahirem para sempre n'esta lueta pelos mais caros ideaes.

Queremos desde já assignalar o nosso preito pela acção dos nossos benemeritos compatriotas, promettendo occupar-nos do assumpto, como elle merece, muito proximamente.

O NOVO EXERCITO ANGLO-PORTUGUEZ

□ □ □



Soldado portuguez na Guerra Peninsular.

De novo se dão as mãos em campanha soldados inglezes e portuguezes.

Ha leis que são dogmas. Tal a seguinte : os povos no percurso fatal e macabro da estrada da sua historia passam, por vezes, á curta distancia de pontos já percorridos no desenrolar passado dos successos e não podem fugir inteiramente á influencia d'essa proximidade ; assim se explicam, talvez, ciclos de factos semelhantes balisando d'onde aonde étapes afastadas na historia das nações.

Os factos de hoje trazem-nos ao espirito lembranças historicas da nossa epopeia nacional.

A grande conflagração napoleonica solidarisou na luta ha um seculo Portugal e Inglaterra ; a conflagração de hoje liga os dois povos no mesmo ideal de intima e voluntaria confraternidade de armas.

Roliça e Vimeiro formam a gloriosa alvorada conjunta que banhou dos primeiros clarões a senda de vitórias colhidas pelos exercitos anglo-lusos na jornada peninsular. Outros nomes abri-

rão em breve os vastos horisontes da vitória no comum amanhã dos seus feitos.

Ha um seculo ficou patenteado de modo evidente, em testemunhos vibrantes dos mais aitos dirigentes inglezes, o valor do soldado portuguez e a grandeza épica da sua maneira de combater : foi sempre do melhor e do mais fino quilate o seu espirito guerreiro em campanha.

Nunca ao soldado portuguez faltou coragem nem abnegação.

Em especial na batalha do Bussaco escreveram as forças portuguezas uma epopeia de bravura.

Todas as tropas portuguezas mereceram aos exigentes marechaes inglezes Beresford e Wellington citações em *ordens do dia*. Referencias especiaes couberam aos regimentos 9 e 21 da brigada Champalimaud pelos feitos praticados na terrivel ação de Santo Antonio do Cantaro ; ao 8 que carregou ao lado do 88 inglez ; ao 7 e 19 da brigada Coleman que atacaram Sula ; ao nº 1 e 16, aos caçadores, á artilharia e a tantos outros.....

Foi nas famosas linhas de Torres Vedras que as tropas anglo-portuguezas começaram a pôr em pratica o formidavel plano de operações a cujo brilhantissimo desenvolvimento se deve o começo da decadencia e ruina de Napoleão. Foi aí que as tropas anglo-portuguezas coagiram á retirada as tropas mais aguerridas e mais afamadas do mundo, retirada colossal que só encontrou possibilidade de paragem quando as tropas francezas alcançaram os proprios territorios de França !

E' com forças inglezas e portuguezas, tornadas inseparaveis na guerra, que Wellington encerra as luctas da guerra peninsular colhendo os fartos e impressionantes louros da batalha de Vitoria. A Europa sente-se impressionada com tal gesto e vibra de energia e entusiasmo.

Os nossos regimentos 9, 11, 21 e 23 ganham para as suas bandeiras, em troca do seu heroismo e valor, a inscrição da legenda camoneana :

« E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei, se de tal gente »

□ □ □

e caçadores 7 e 11 inscrevem nos seus estandartes os belos versos do mesmo Camões :

« Distintos vós sereis na lusa historia
« Pelos louros que colhestes na victoria »

Esforço colossal de tenacidade, de perseverança e de patriotismo !

O exercito anglo-portuguez sustentou, durante a guerra da Peninsula, 15 batalhas, 215 combates, 14 sitios, 18 saltos, 6 bloqueios e 12 defesas de praças.

Só Portugal, á sua parte, perdeu em mortos 213 officiaes e 4947 graduados e soldados ; o numero dos feridos eleyou-se a 9372 e o dos prisioneiros ou extraviados a 6609. O total geral em pessoal portuguez orça por 21.140 homens. Numeros colossaes estes para a epoca.

E contraste curioso e proprio a longas e refletidas meditações ; ha um seculo, portuguezes e inglezes deram-se as mãos para combater a França e dominar as ambiciosas pretensões do maior guerreiro de todos os tempos ; hoje, portuguezes e inglezes aliam-se tambem mas para auxiliar a França, o inimigo de ha um seculo, e combatem no seu proprio territorio contra a mais forte corrente reaccionaria que tem atravessado o mundo e que busca a usurpação do direito á vida livre das fracas e pequenas nacionalidades. O colosso alemão visa ao esmagamento dos pequenos.

Ha um seculo Portugal e Inglaterra combatiam contra a Força ; hoje terçam armas pelo Direito.

O ideal de hoje é bastante nobre para ir agitar mais uma vez o valor incubado da nossa raça que tem mostrado sempre, atravez das horas amargas da sua historia, um alento inquebrantavel no sofrimento, uma constancia sem treguas na lucta, factores preciosos para nunca fraquejar e conseguir vencer.

A historia de Portugal é toda um hino de saudação á alma heroica do nosso soldado !

Inglezes ! Tende confiança no nosso esforço.

Portugal tem uma longa historia de seculos escrita com feitos brilhantes de seus filhos e alicerçada em ações para o Bem, o Amor e a Prosperidade da Humanidade.

A todas as convulsões da historia do mundo tem resistido. Cobre-o sempre a bandeira da Honra e do Dever. E' bem o vosso digno aliado que de cabeça erguida não treme por ser pequeno, nem vacila por ser fraco.

O soldado de Portugal irá até onde vós fordes sempre com alma, com coragem, com abnegação.

Portuguezes ! A vitória alemã seria o desaparecimento da vossa terra livre. A vossa casa, a aldeia de vossos paes não mais continuaria a tradição do passado legando aos que depois de vós vierem a pureza dos habitos que herdastes, a magnanimidade dos sentimentos que vos transmitiram, a singeleza das ações que vos ensinaram.

Erguei bem alto o nome de Portugal ; empenhae toda a vossa vontade, toda a vossa energia, pois este é o preço que exige a vossa terra para ser livre hoje, continuar livre amanhã, ficar eternamente livre.....



Soldado portuguez na Grande Guerra.

JOSÉ PAULO FERNANDES.



Singular contraste : collaborando ambos no mesmo pedaço de terra ameaçada, o canhão moderno que destroe e o velho arado que fecunda.
Singulier contraste : collaborant ensemble dans le même coin de terre menacée, le canon moderne qui détruit et l'antique charrue qui féconde.



O chefe e o sub-chefe d'Estado Maior.
Le chef et le sous-chef d'Etat-Major.



Grupo de officiaes dos Estados Miores Inglez e Portuguez.
Groupe d'officiers des Etat-Majors Anglais et Portugais.

As Mascaras contra gazes asphyxiantes

□ □

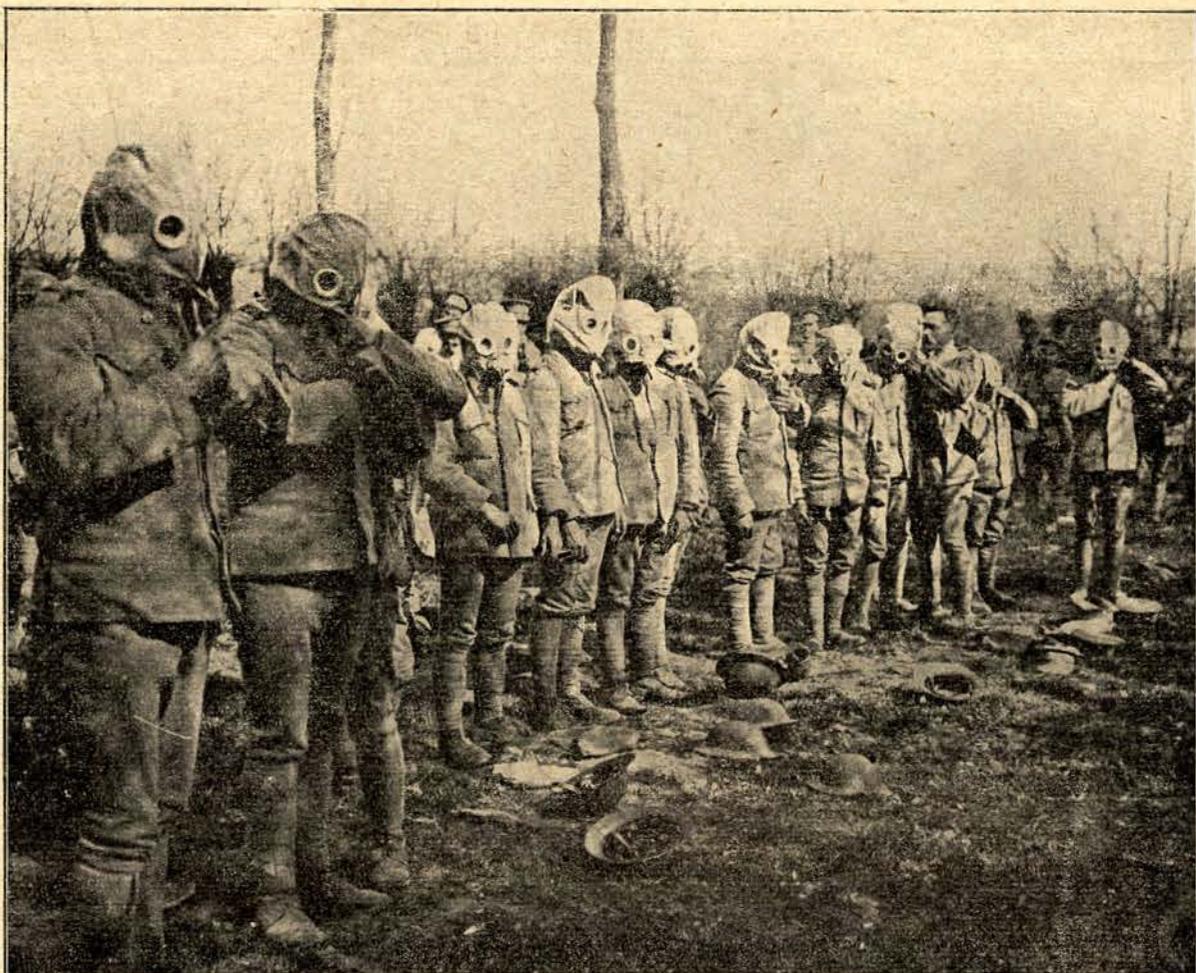
O templo de guerra de uva branca e punhos de renda vae longe, mas os allemães encarregaram-se de tornar a de hoje o mais hedionda possível.

Todos os leitores conhecem de nome os gazes asphyxiantes, que n'esta guerra teem tido um emprego tão frequente. Nos primeiros tempos da guerra de trincheiras, quando os allemães derrotados no Marne se acharam impotentes para de novo livrar batalha em campo raso, ás tropas anglo-francezas, appareceu um dia, rente ás linhas, uma nuvem baixa, densa e pesada dum gaz de chloro que, seguindo os contornos do terreno, impelida pelo vento, desceu ás trincheiras e asphyxiou os valentes que as balas não mataram.

Depois, passada a funesta onda envenenada, os allemães só tiveram que remover um chão de cadaveres para se proclamarem victoriosos.

Mas logo os alliados, vencendo o escrupulo que um tal inimigo não merece, não só tomaram as medidas defensivas necessarias, mas decidiram responder tambem de mesma maneira—é melhor.

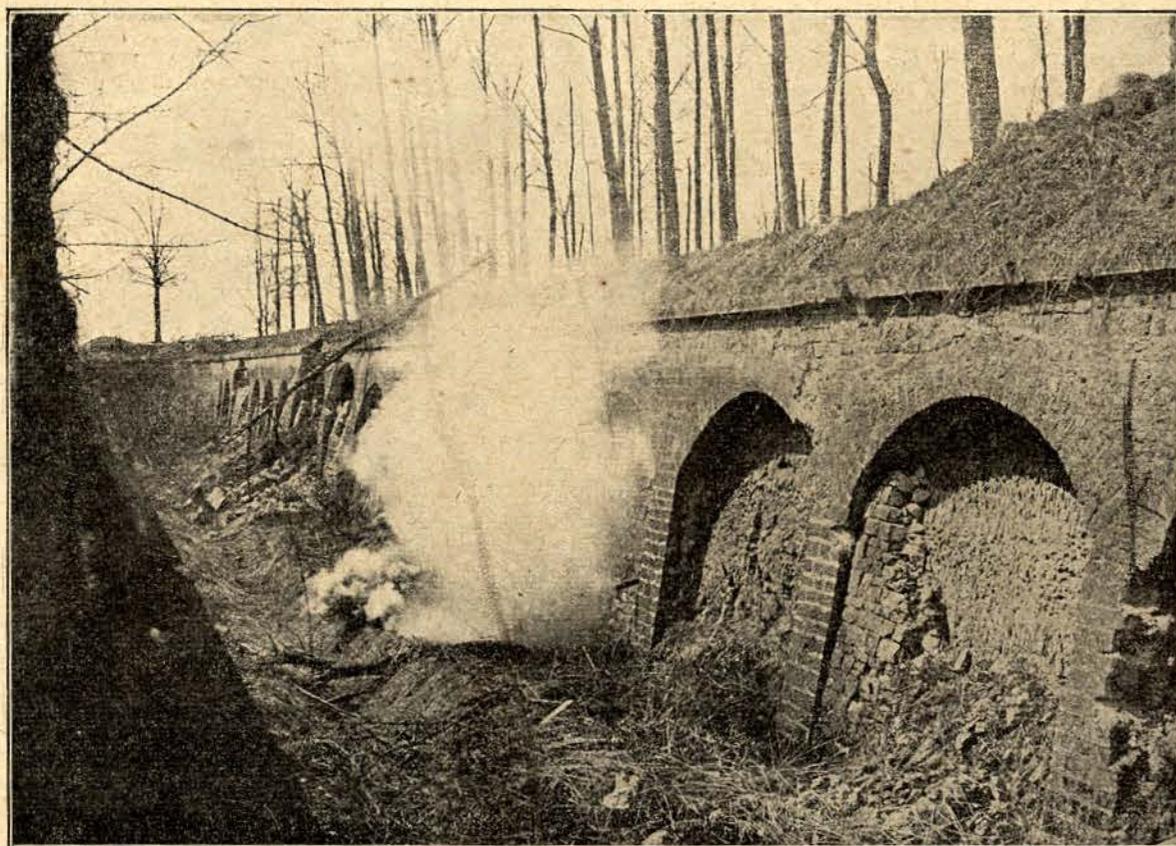
Virou-se o feitiço contra a feiticeira. Hoje todos os soldados alliados andam munidos da inseparavel mascara contra gazes



Soldados portuguezes exercitando-se no uso da mascara contra gazes asphyxiantes.

Soldats portugais s'exerçant dans l'emploi du masque contre gaz asphyxiants.

asphyxiantes, uma horrivel caraça impermeavel, com um tubo por onde lhes vem o ar, depois de atravessar um recipiente que neutralisa chimicamente a acção toxica dos gazes.



Uma granacia allemã rebentando junto do forte de Condé que os francezes acabam de tomar.

Actualidades

As Ultimas Operações Militares.

Em meados de Abril, precisamente quando a revolução russa, alvoraçando os exercitos moscovitas que desde então perderam o seu valor offensivo, permittia aos austro-allemães desgarnecerem a frente oriental, nesse momento os exercitos anglo-francezes iniciaram uma nova offensiva, contra a quasi totalidade das divisões inimigas.

Os allemães, não podendo supportar a violencia do choque, recuaram, e como sempre que recuam, invocando altas razões estrategicas. D'esta vez era para realizar formidandos planos do kolossal genio de Hindenburgo, tão originaes e imprevisos que ninguem devia procurar deduzi-los da situação apparente.

Chegados, pois, á famosa linha Hindenburgo preparada de longa data, protegida por centenas de metros de barreiras tarpadas e de fossos



CONSTANTINO
Ex-Rei da Grecia

A Abdicação do Rei da Grecia

Ao cabo de dois annos de desatinos e oppressão, a Grecia volta ao goso das suas

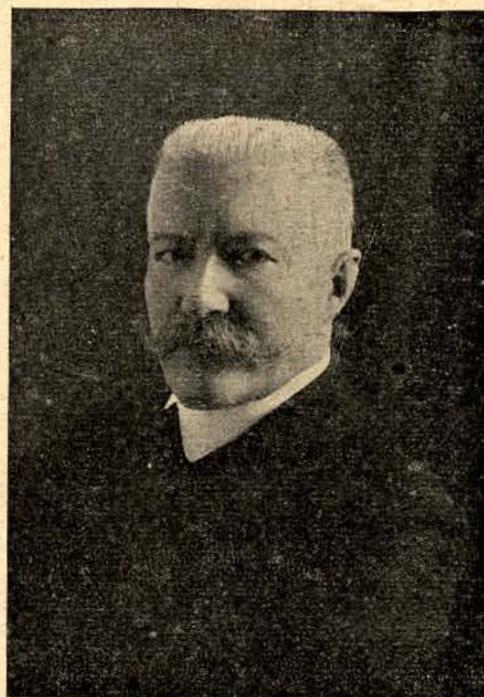
liberdades constitucionaes, não por um movimento nacional, que os poderes discretionarios do rei sobre o exercito tornavam difficil, mas graças á intervenção das Potencias Protectoras, a Russia, a Inglaterra e a França, que libertaram a Grecia do dominio turco, dando-lhe a constituição de que Constantino estava fazendo tão pouco caso.

No dia 11 de Junho, a bordo do *Brutix*, da marinha de guerra Franceza, o embaixador Jonnart, alto commissario das Potencias Protectoras, entregou ao presidente do ministerio grego Zaimis uma nota em forma de ultimatum, em que era exigida, dentro do praso de 24 horas, a abdicação do rei Constantino, por ter violado a constituição. Ao mesmo tempo foi-lhe entregue um memorandum dizendo que o principe herdeiro tambem não satisfazia ás condições requeridas para substituir seu pae.

O rei ouviu de Zaimis a leitura dos textos, pediu que se reunisse o Conselho da Corôa e alli declarou que tinha resollido aceitar a abdicação exigida.

Escollado por um contra-torpedeiro francez, o ex-rei Constantino embarcou em Gropos no seu hiate *Sfaeteria*, que deve conduzi-lo a San-Giovanni-di-Messina, d'onde seguirá para a Suissa.

Succede-lhe o segundo filho Alexandre, que embora novo é já conhecido como um delicado cultor da poesia hellena.



M. JONNART
Alto Commissario das Potencias Protectoras.

Esperemos que a Grecia de Venizelos e a Grecia até ha pouco de Constantino assim entrem de novo na unidade nacional tão deploravelmente rota.

occultos, o inimigo tenta atemorisar os soldados alliados, fazendo correr que alli os esperavam surpresas terriveis, inventos macabros nunca vistos.

A resposta foi continuar-se a offensiva.

A superioridade da artilharia aliada affirmou-se como nunca. Os abrigos da famosa linha foram arrombados, as defesas calcadas e aplainadas pelos novos *tanks* francezes e inglezes, e as operações conduzidas de tal modo que, por exemplo, alguns regimentos assaltantes não soffreram nenhuma baixa por morte. Assim, de ha tres mezes para cá, foram arrancados ao inimigo mais de mil kilometros quadrados de terreno, oitocentos canhões e cincoenta mil prisioneiros. A tão decantada defeza Hindenburgo foi rôta nos pontos mais importantes, onde os alliados quizeram rompê-la.

E a estas horas, apesar dos contra-ataques allemães,

que continuam sacrificando as fartas civisões vindas da frente russa, os alliados proseguem a batalha, com toda a violencia e marcada vantagem.

Nas Flandres, esboça-se uma offensiva allemã que os inglezes tolhem desde já.

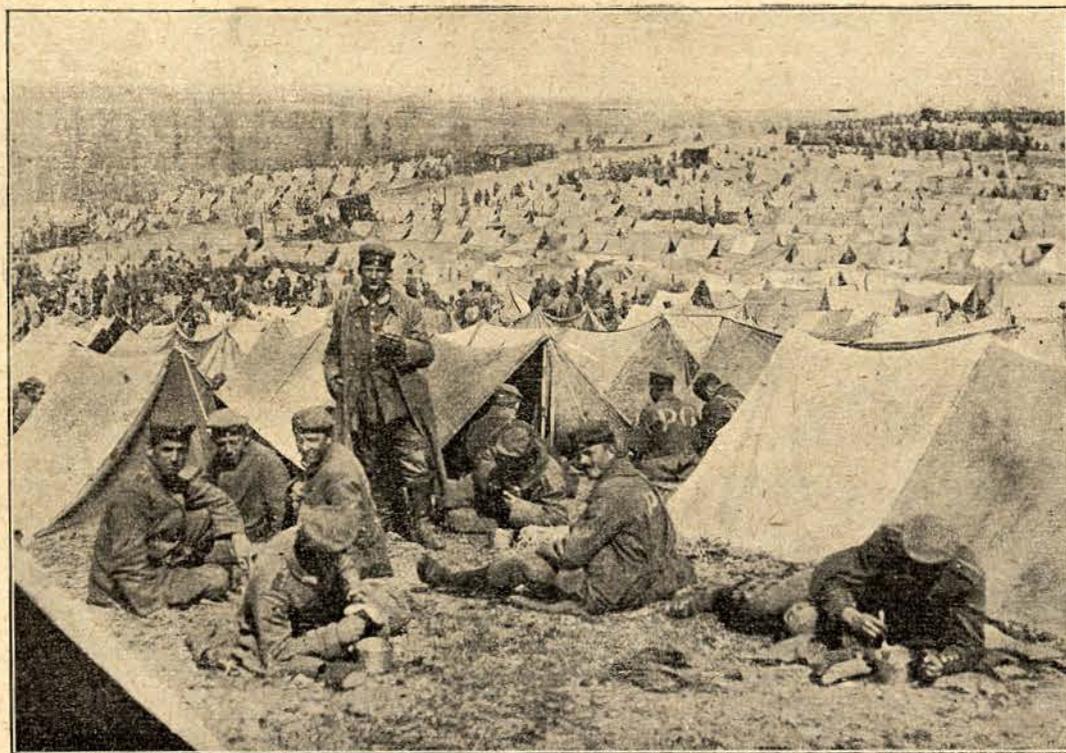
Ultimamente, já depois da brilhante tomada de Vimy, em que sabemos te-

rem collaborado tropas portuguez as, ainda os inglezes ganharam uma boa porção de terreno na acção de Messines, em que a preparação de artilharia ultrapassou tudo quanto até hoje se tem feito. Calcula-se, que a tomada d'essa localidade custou 6.000.000 de obuses.

Em compensação, o numero de mortos foi muito diminuto.

As nossas gravuras representam : O fosso do forte de Condé, recentemente tomado pelos francezes; uma granada allemã veio rebentar a alguns metros do operador, que não buscava tal aventura, mas que d'ella sahio indemne.

A outra representa um arraial de prisioneiros allemães capturados durante as ultimas operações, reunidos na zona dos exercitos, antes de serem evacuados para os campos de concentração mais afastados.



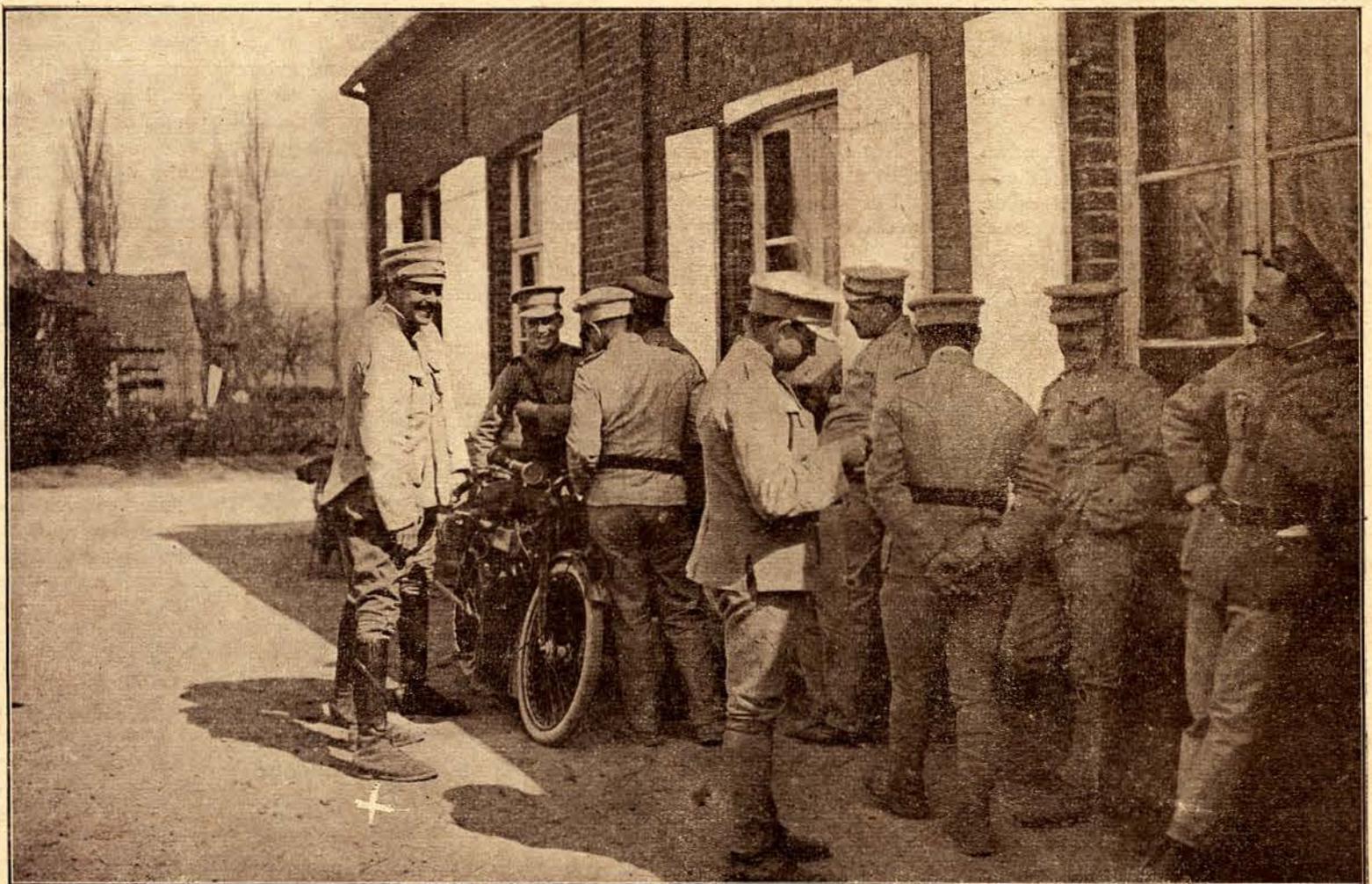
Campo de prisioneiros allemães. — A' hora da refeição.

EM FRANÇA



ALLIADOS !...

ALLIÉS !...



UM GRANDE PASSADO !

UM GRANDE PRESENTE !

O Duque de Cadaval, descendente da mais illustre nobreza de Portugal, voluntario, entre os soldados da Republica.
Le Duc de Cadaval, représentant de la plus illustre noblesse du Portugal, volontaire, parmi les soldats de la République.

JORNAES DE MODAS

EDITADOS PELA

Casa A. MOURA

A MODA DE PARIS. — O mais elegante, mais moderno e mais barato jornal de modas em portuguez, adoptado definitivamente pela mais fina sociedade brasileira, contendo uma grande variedade de modelos em todos os generos com minuciosa descripção, impresso em magnifico papel *couché* com optimas gravuras e linda capa a cores. Contém sempre um molde cortado gratis, de valor superior ao preço do jornal. Publicação mensal. Preço: Capital, 1\$000; Estados, 1\$200.

BLUSAS PARISIENSES. — Lindo album contendo innumerous e lindissimos modelos de blusas, edição especial da *Moda de Paris*, apparecendo duas vezes por anno. E' o unico album de blusas que apparece em portuguez. E' o mais *chic*, o mais elegante e o mais parisiense, e deve figurar em casa de todas as familias elegantes. Publicação semestral. Preço 1\$500.

CHIC INFANTIL. — Edição especial da *Moda de Paris* para crianças e mocinhas. E' um album gracioso, contendo muitos modelos de costumes e vestidinhos dos mais *chics* e elegantes, feitos com todo o carinho e capricho pela direcção da *Moda de Paris*. Recommendamol-o especialmente a todas as mães zelosas do seu interior e que gostam de vestir os seus filhinhos com garridice e bom gosto. Apparece duas vezes por anno. Preço 1\$500.

REVISTA PARISIENSE. — A *Revista Parisiense*, que a Casa A. MOURA acaba de lançar apesar da epocha anormal que atravessamos, representa o maior esforço editorial em jornaes de modas. Unica no seu genero em portuguez em todos os tempos, a *Revista Parisiense* constitue um bello album contendo 64 paginas de figurinos bellissimos em grande formato e linda capa a cores, com innumerous modelos (mais de 500) em todos os generos: — vestidos, tailleurs, manteaux, saias, blusas, chapéus, toilettes para mocinhas, noivas e crianças, roupas brancas, de sport, de luto, de interior, trabalhos. etc., etc. Edição da *Moda de Paris*. Apparece duas vezes por anno. Preço 5\$000, franco de porte.

ASSIGNATURA CONJUNTA DAS QUATRO EDIÇÕES

Assignatura por um anno, comprehendendo 12 N^{os} da *Moda de Paris*, 2 das *Blusas Parisienses*, 2 do *Chic Infantil* e 2 da *Revista Parisiense*, no valor, respectivamente, de 28\$000 e 30\$000: Capital, Rs. 24\$000; Estados, 26\$000. Assignaturas registradas, 28\$000 e 30\$000.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS Á

CASA A. MOURA

Rua da Quitanda, 114 — RIO-DE-JANEIRO

Comptoir General de Commission

PARIS - 222, Boulevard Saint-Germain - PARIS



CASA DE CONFIANÇA

Encarrega-se de toda a especie de compras e vendas na Europa, mediante uma commissão modica. A sua Clientela, já numerosa e escolhida, augmenta de dia para dia pela diligencia e honradez com que é servida.

PEÇAM-SE CONDIÇÕES

Typographia Artistica "LUX"

PARIS - 131, Boulevard Saint-Michel - PARIS



TRABALHOS ESMERADISSIMOS DE GRANDE LUXO

— Impressão de Trichromia —

Esta casa recebe numerosas encomendas da Europa e da America Latina

REVISTAS, LIVROS, CATALOGOS E ESTAMPAS

Compõe em todas as linguas.

Enviam-se orçamentos a quem os pedir



Casa Editorial Franco-Ibero-Americana

222, Boulevard Saint-Germain - PARIS

Esta casa é vantajosamente conhecida pela esmerada apresentação das suas obras, tanto sob o ponto de vista litterario como artistico e typographico.

SECÇÃO PORTUGUEZA

SERIE HISTORICA ILLUSTRADA

Napoleão intimo
Napoleão Imperador
Napoleão na peninsula Iberica
Napoleão pelo seu creado particular

A morte de Napoleão
Memorias secretas da Corte da Russia
Elba e os cem dias
Napoleão em Santa Helena

A queda da Agua
De moço de cozinha a Comendador
A Corte de Luiz Quinze
Maria Luiza Intima

Brochadas, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

Os Grandes Mestres da Litteratura

SCENAS DA VIDA BOHEMIA |

Henri MURGER

O DISCIPULO

Paul BOURGET

WILHELM MEISTER, GÖTTE

Brochados, 3.50 ; encadernação flexivel, 4.50

AUTORES ESCOLHIDOS

A Cidade dos Suicidas
por Muñoz ESCAMEZ

O Deserto

por Pierre LOTI

Brochados, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

A Exilada por Pierre LOTI

O Meu Irmão Yves por P. LOTI

Marinheiro por Pierre LOTI

Collecção de Romances Mysteriosos

O cadaver assassino | A mão errante | A carta sangrenta
O enigma do comboio nº 13 (2 tomos) | O automovel vermelho
O solar enfeitado (2 tomos) | A estrella de seis raios
O segredo do Dr Ram Moraley

Preço, 1 fr.

Pequenas Historias para Creanças

O Autor da Muralha | Mania dos Bonecos
Ambição e Trabalho | Concilio das Flores | Cidade da Fortuna
Homen da Nariganga | Guerra de Ratazanas
Aventuras Maravilhosas de D. Pimpão

Preço, 0 fr. 10

Ernesto SENA, do Jornal do Comercio : Historia e Historias. — Brochado, 2 fr.

OS GRANDES PINTORES

OS VAN EYCK, TICIANO, LEONARDO VINCI, VAN DYCK, RUBENS, VELASQUEZ, MURILLO, RAPHAEL, BOTICELLI

Encadernados, 3 fr.

Cada volume publica a biographia dum grande mestre e oito reproduções em cores das suas principaes obras.

ENVIA-SE O CATALOGO A QUEM O PEDIR